A BARCA Tratamento #8

roteiro de
Nilton Resende

baseado no conto
"Natal na barca", de Lygia Fagundes Telles

niltonjmresende@hotmail.com
#5582988030016
#5582998054902

CARTELAS INICIAIS: Durante as cartelas iniciais, ouve-se o som de uma pessoa caminhando sobre areia, são passos lentos.
De repente, surge, em crescente, o som do motor de um barco.
Os passos param e fica apenas o som do motor.
Repentinamente, os passos retornam, agora mais rápidos.
Ouve-se o roçar de um corpo passando por alguma folhagem, seguido do som de um tropeço.
Logo após, há o som da batida dos pés numa superfície de madeira, como se buscando equilíbrio.
Ouve-se a buzina do barco, que apita uma vez, somando-se ao som do motor.
Agora, os passos agora são lentos, cuidadosos, e se dão sobre uma superfície de madeira.

1 - EXT. PÍER - NOITE

Silhueta de MARINA, que está em pé sobre um píer, de frente para a lagoa. Ouve-se o som do motor de uma embarcação aproximando-se. A embarcação apita.

Acende-se a lanterna do celular nas mãos de MARINA. Ela balança o objeto, jogando a luz ora para a frente ora para si mesma, iluminando partes de si, como uma pessoa que estivesse sozinha numa ilha deserta, chamando a atenção de alguém. MARINA carrega pendurada no ombro uma bolsa tiracolo.

Um barco aproxima-se. Ele tem alguns pisca-piscas natalinos decorando seu interior e um pouco da parte de fora. A embarcação lança luz sobre MARINA, que apaga a lanterna do celular e leva a mão à frente do rosto, para evitar a luz do barco sobre seus olhos.

À medida que a luz da embarcação deixa de iluminar seu rosto, MARINA retira a mão da frente dos olhos.

MARINA fica atenta ao movimento de atracação do barco.

Durante toda essa espera, MARINA está apreensiva e esforça-se por empertigar o corpo.

O barco começa a atracar.

No barco, há alguns passageiros sentados: UMA FAMÍLIA (uma mulher jovem, um homem jovem, um menino) sentada nos dois lados do barco, pronta para uma festa, carregando consigo alimentos envoltos em papel alumínio, filme de pvc, uma garrafa de cidra, uma pequena caixa de isopor certamente contendo refrigerantes ou cervejas; um BÊBADO, tocador de pífano, está sentado; uma MÃE está sentada no lado oposto ao BÊBADO e tem nos braços um bebê envolto em panos.

MARINA tenta não explicitar a apreensão, e, prestes a embarcar, finge um relaxamento no rosto, mas seu corpo continua tenso.

2 - INT. BARCA - NOITE

A CONDUTORA dá a mão a MARINA, que entra no barco.

CONDUTORA
Precisava acender não. Sempre sobe gente aqui.

MARINA faz um gesto com a cabeça, meio sem jeito. Entra, ficando de costas para a família sentada no banco atrás dela. Coloca a mão na bolsa.

MARINA
Quanto é?

CONDUTORA
Hoje é 5.

MARINA pega uma nota e entrega à CONDUTORA.

CONDUTORA (cont'd)
Vai dar nem um agrado? Uma moeda?

MARINA pega uma moeda e coloca-a na mão da CONDUTORA.

A CONDUTORA leva a moeda à boca e beija-a, guardando-a depois numa sacolinha de pano que tem outras moedas dentro. Ouve-se o tilintar do metal.
Enquanto isso, MARINA, apreensiva, olha para o lado e vê os coletes salva-vidas guardados num depositório na parte superior da barca. MARINA parece querer falar algo, mas encaminha-se a seu lugar, no mesmo lado onde está sentado o bêbado e do lado oposto ao da MÃE, ficando sentada quase em frente a ela.

Durante todo o trajeto, ouve-se timidamente o ressonar do bebÊ.

MARINA encosta-se, insegura, e volta o olhar para frente, temerosa e começando a ficar absorta.

CONDUTORA (O.S.)
Onde a senhora vai descer?

MARINA volta o rosto para a CONDUTORA.

MARINA
Essa barca tá indo pra onde?

FADE OUT

CARTELA/TÍTULO: A BARCA, baseado em conto de Lygia Fagundes Telles

O som do motor da embarcação está presente desde o início da cartela e permanece sempre que o barco estiver em movimento. Aos poucos, ainda durante a cartela, ouve-se a MÃE murmurando uma canção de ninar.

3 - EXT. LAGOA - NOITE

A canção de ninar da MÃE perdura.

A embarcação viaja pela lagoa e passa sob uma ponte, como se atravessando um pórtico para uma outra dimensão.

4 - INT. BARCA - NOITE

MARINA está sentada lateralmente no banco da barca, com um colete salva-vidas no colo e a bolsa sobre ele. As mãos apertam o colete. Numa das mãos, ela tem sempre o isqueiro. Na outra mão, MARINA tem um cigarro aceso. Ela fuma o cigarro.

MARINA tem o olhar fixo no vazio à frente da embarcação, na mesma posição em que estava antes de a CONDUTORA perguntar onde ela ia descer. Seu olhar é tenso, inseguro, doído.

MARINA olha para trás um instante, mirando a ponte, que vai ficando para trás.

MARINA volta o olhar para o interior da barca.

Dentro da embarcação, agora, estão apenas, além da CONDUTORA, a MÃE com a criança de colo e o BÊBADO, que está deitado ao lado de MARINA.

Esses outros passageiros aparecem recortados, a partir de MARINA, como se margeando seu campo de visão.

Algumas vezes, o olhar de MARINA alhea-se, baixa, vagueia, voltando depois a mirar a frente, o vazio.

O cigarro é para ela uma espécie de muleta.

A CONDUTORA está sentada num banco em frente ao leme. Ao lado da sustentação do leme, no chão da barca, há uma lamparina. MARINA observa a ferrugem na lamparina. Seu olhar passeia pela barca, como se buscando sinais de desgaste.

A mão do BÊBADO, deitado no banco do mesmo lado de MARINA, pende e faz movimentos aleatórios, ao tempo em que recebe a frágil luz colorida de alguns pisca-piscas próximos, pendendo sob o banco.

Aos poucos, a canção de ninar cessa.

FADE OUT

5 - INT. BARCA - NOITE

MARINA guarda numa caixinha de metal o resto de um cigarro fumado.

Levanta o olhar, mirando a lagoa à frente da proa do barco.

6 - EXT.LAGOA - NOITE

Vista a partir da exterioridade da barca, MARINA, sentada exatamente em frente à MÃE (escondendo seu rosto), tem o corpo um pouco voltado para a frente e iluminado pela luz interna da embarcação. Levanta a cabeça para olhar o alto da proa. Volta a cabeça para o rio e, depois, encosta-se na lateral, recostando-se no banco e tirando o rosto da zona de luz, colocando-o na zona de sombra. Aparece então, ao lado da silhueta de MARINA, o rosto iluminado da MÃE, que antes estava oculto.

A barca segue viagem.

FADE OUT

A barca desliza lentamente na lagoa, deixando na água um longo sulco que vai-se desfazendo aos poucos.

A água escura da lagoa está coberta por uma fina névoa.

FADE OUT

7 - INT. BARCA - NOITE

MARINA abre a bolsa e tira um cigarro. Fecha a bolsa. Puxa a bolsa e o colete salva-vidas para mais perto de seu colo.

MARINA Coloca o isqueiro sobre a bolsa. Ainda segurando o cigarro, mira as mãos e descasca o esmalte de uma das unhas, cuja pintura já estava descascada quase pela metade. Começa a descascar outra unha. O som de uma voz masculina chama-lhe a atenção. Lança discretamente o olhar para o BÊBADO.

MARINA acende um cigarro.

O homem BÊBADO, esfarrapado, está deitado ao lado de MARINA e fala coisas incompreensíveis.

MARINA volta o olhar para baixo, com o homem ainda dentro de seu campo de visão.

O BÊBADO dialoga com as poucas luzes acesas no pisca-pisca natalino que contorna toda a grade de madeira da barca. Ele toca as luzes, sorri, conversa, retrai-se. Sua roupa está encardida.

MARINA afasta-se um pouco, indo mais para perto da proa.

(CONTINUED)

As pernas da MÃE aparecem à frente de MARINA. As pernas ajeitam-se.

MARINA volta o olhar para a réstia de luz que o farol do barco lança à frente e seu rosto se confrange, quase choroso.

O motor do barco repentinamente para. Algo cai sobre a água e respingos batem no rosto de MARINA.
MARINA assusta-se e levanta-se, deixando o cigarro cair. Olha para ele e busca esmagá-lo. Leva uma mão ao rosto.

Apagam-se as luzes todas. Agora, vê-se de MARINA apenas a silhueta.

Ouve-se a respiração ofegante de MARINA dentro da escuridão.

MARINA
Gelada.

MÃE (O.S.)
Mas de manhã é quente.

Uma réstia de luz surge de repente. MARINA, que estava olhando para o lugar onde estava a MÃE, como se buscando saber de onde veio a voz, volta o olhar para a fonte de luz.

A CONDUTORA carrega numa das mãos a lamparina e vai até o motor. Deixa-a ao lado do suporte do leme, de modo a iluminar os passageiros e o motor.

A MÃE tem em seus braços um bebê envolto em panos. Aos seus pés, uma sacola de tecido. Toma de um pano que estivera sobre o ombro e oferece-o para que MARINA enxugue o rosto, os respingos. A MÃE sorri. Tem os olhos brilhantes.

MARINA aceita a toalha, estendendo o braço e aproximando-se um pouco.

A MÃE olha calma para MARINA.

MARINA volta para onde estava, enquanto enxuga o rosto, um pouco apreensiva, num misto de ridículo e preocupação.

A MÃE aconchega mais o filho.

MARINA volta a sentar-se, ainda enxugando-se, procurando algo molhado na roupa. De repente, levanta o rosto para a MÃE.

MARINA
Você falou o quê?

O motor volta a funcionar. As luzes do pisca-pisca acendem-se. Acende-se a luz da embarcação.

MARINA volta o olhar na direção da CONDUTORA, voltando logo depois a olhar para a MÃE.

MARINA (cont'd)
Eu não entendi o que você falou.

MÃE
Que de manhã essa lagoa é quente.

O BEBÊ choraminga nos braços da MÃE. MARINA olha para ambos. A MÃE nina a criança, tentando fazer com que ela pare de chorar.

Como se envergonhada por ser testemunha da relação entre a MÃE e o bebÊ, MARINA olha discretamente para o BÊBADO, que dialoga com uma pessoa invisível.

Quando o BÊBADO para de conversar, MARINA volta a descascar o esmalte das unhas. Pega um lenço úmido na bolsa e passa nas unhas. Aos poucos, o som da canção de ninar vai esmorecendo.

MÃE (O.S.)
Ela é quente e verde.

MARINA olha para a MÃE.

MÃE (CONT.)
Chega eu pensei que a roupa ia ficar verde a primeira vez que eu lavei nela. Mas faz tempo já. É a primeira vez que a senhora anda por aqui, né? Se assustou com o peixe.

MARINA
Peixe?

O BÊBADO mexe-se.

MÃE
Sim, o que pulou.

SOM DE ALGO CAINDO NO CHÃO DA BARCA.

MÃE (CONT.)
Aqui tá cheio deles, mas a gente só vê quando a luz bate.

MARINA vê o pífano do BÊBADO caído no chão, perto de seus pés.

MÃE (CONT./O.S.)
É a primeira vez que a senhora vem aqui?

MARINA faz com o rosto um gesto afirmativo.

MARINA
Você mora aqui perto?

MÃE
Mais ou menos. Já peguei essa barca um monte de vez, mas não esperava que justamente hoje, no Natal,...

A criança agita-se. A MÃE aperta a criança ainda mais contra o peito. Cobre sua cabeça com o xale e começa a niná-la com um brando movimento de cadeira de balanço.

MARINA
Seu filho?

MÃE
É. (Sua fala dirige-se a MARINA, mas seu rosto, sua atenção volta-se para o bebê). Tá doentinho, ele. Eu levei ele no posto lá perto de casa, mas a médica falou pra eu levar ele num especialista. Eu fiquei ligando que só pra clínica, mas o homem só veio chegar agora de noite.

MARINA
O que é que ele tem?

MARINA levanta-se em direção à MÃE, para entregar-lhe a toalha, e como se também buscasse estar mais perto para escutar a resposta e para vê-los melhor. Fica em pé ao lado da MÃE, olhando para ela e o bebê. Entrega-lhe a toalha.

MÃE
Isso é o que eu num sei...

A MÃE descobre o rosto do menino para alisá-lo muiito carinhosamente enquanto fala. O BEBÊ dorme, o rostinho corado. Uma mãozinha dele pende e mexe-se um pouco.

MÃE (CONT.)
Ele tava bonzinho, aí de tarde começou a queimar de febre, mas só febre.

Uma breve tristeza pousa sobre o rosto da MÃE. Ela guarda o bracinho do bebê que estava pendendo, cobre a cabecinha do bebê.

Levanta a cabeça com energia.

MÃE
Era pra levar ele rápido, num sabe. Pense na agonia.
(MORE)

MÃE (cont'd)
(Voltando o olhar para MARINA)
Mas eu sei que Deus não vai me abandonar.

MARINA
É o caçula?

MÃE
É o único (volta o olhar para o bebê, alisa-o por sobre o xale). O meu primeiro morreu no ano passado.

MARINA fica esmagando o lenço úmido na mão. Olha para os lados procurando um lixeirinho. Joga o lenço para cair na lagoa, mas ele bate na amurada e volta. Tudo isso enquanto a MÃE fala.

MÃE (CONT./O.S.)

Tava brincando de nadar com os meninos, mas acabou morrendo afogado, aqui, na lagoa. Ele nadava tão direitinho... Acho que foi câimbra, num é?

O BÊBADO fala algo incompreensível.

A atenção das duas mulheres volta-se para o BÊBADO, que estica um pouco o corpo, ocupando o lugar onde MARINA estava sentada, e depois vira-se de lado, deixando pender agora as duas mãos.

A MÃE afasta-se e olha sorridente para MARINA, para que ela se sente.

MARINA, um pouco constrangida, senta-se ao lado da MÃE, mas observando o lugar onde estivera sentada antes, como se lamentando ter perdido sua solidão.

A MÃE olha para MARINA, buscando retomar sua atenção:

MÃE
Tinha quatro aninhos. Tão bonitinho, uma graça, todo mundo gostava dele.

Durante a fala da MÃE, MARINA olha o lenço no chão da embarcação. Volta o olhar para a bolsa. Durante estas ações de MARINA, a MÃE, a seu lado, continua a falar. MARINA abre a bolsa e procura algo lá dentro. Não encontra e olha para o chão novamente. No chão, sob o bêbado, está o isqueiro. A atenção de MARINA divide-se entre o isqueiro à frente e a voz da MÃE.

MÃE (O.S.)
Era todo brincalhão. Tem vez que bate uma saudade...

MARINA volta o olhar para a MÃE, como se buscando chamar a atenção para o bebê, que, embora doente, estava vivo.

MARINA
Esse tem quantos anos?

O BEBÊ mexe-se um pouco. A MÃE muda o BEBÊ de posição, apoiando sua cabeça no outro ombro, ficando ele agora com a cabecinha ao lado de MARINA.

MÃE
Esse vai fazer seis meses. (Muda o tom, lembrando-se do outro filho) Era um menino tão bonzinho, tão alegre. Adorava tomar banho no rio, parecia um peixe...

MARINA
E seu marido?

A MÃE faz um muxoxo, como se querendo deixar para lá esse assunto.

MARINA olha o isqueiro sob o banco do bêbado, ao lado do pífano.

O silêncio envolve-as por um tempo.

MÃE (O.S.)
Meu marido me deixou faz uns meses. A gente vivia até bem, mas aí apareceu uma ex-namorada. Ele até contou que viu ela, que ela tava mais feia e tudo, mas depois não tocou mais no assunto.

MARINA tensiona o corpo, pelo absurdo da situação. , aperta o colete salva-vidas e a bolsa contra si. Aperta as mãos no colete. Nervosa, olha para a MÃE.

MÃE (CONT.)
Aí teve um dia que ele acordou, tomou café, brincou com o menino, depois saiu pra trabalhar, igual todo dia.

MARINA está agoniada com a história da MÃE. Para de apertar o colete e cruza os braços, abraçando-se.

MÃE (CONT.) (cont’d)
Ele se despediu acenando pra mim do lado de fora, eu vi pela grade
(MORE)

MÃE (CONT.) (cont'd)
da janela, eu tava lavando a louça, aí eu fiquei agoniada, eu quase saí pela porta, eu não gosto de falar com ninguém com aquela grade no meio. (Como se saindo do transe e tentando conter a dor, olha para MARINA e sorri) Eu não gosto. Mas eu tava com a mão molhada, aí eu nem fui. Quando foi de tardinha eu recebi um bilhete que ele mandou. Aí depois eu aluguei uma casa e fui morar com a minha mãe perto da creche que eu trabalho, eu sou professora.

MARINA, escutando tudo, cede o corpo um pouco para a frente, tentando esconder a apreensão, mas sua agonia é crescente. Olha para o BÊBADO, olha para as mãos dele, pendentes. Olha para o isqueiro.

MARINA aperta com as pontas dos dedos o colete salva-vidas.

MARINA
A senhora é conformada

MÃE (CONT.)
Eu tenho fé, dona! Deus nunca me abandonou.

MARINA
Deus...

MULHER
A senhora acredita em Deus?

MARINA hesita e fica um pouco em silêncio antes de responder.

MARINA
Acredito (fala murmurando).

MÃE
Meu filho tá na minha carne, dona. Tá no meu espírito, nos meus olhos, no jeito que eu arrumo o cabelo. Ninguém morre.

MARINA lentamente levanta a ponta do xale que cobre o BEBÊ, para observá-lo enquanto a MÃE está absorta na própria fala.

MARINA olha para o BEBÊ, que tem uma das mãos pendendo e de cor muito pálida MARINA levanta discretamente o pano que cobre o bebê e vê então o rosto dele. O bebê está com a pele sem vida, os lábios arroxeados. Ele está morto. Imediatamente, MARINA deixa o xale cair ao perceber que o bebê morreu.

MARINA levanta-se do banco, com bolsa e colete contra o colo, e busca o isqueiro sob o banco do bêbado. Vê o pífano do BÊBADO, pega-o também e coloca-o sobre o banco, ao lado do homem.

MÃE (O.S.)
Os mortos são silenciosos, dona. A gente é que às vezes não entende.

MARINA retorna para o banco, retira um cigarro da bolsa e fica com ele e o isqueiro nas mãos, hesitando sobre o que fazer com eles.

MÃE (O.S.) (cont'd)
Foi logo depois da morte do meu menino.

MARINA olha para a MÃE, que começou a falar com voz apaixonada. Mas não consegue olhar olharpara ela, e baixa a cabeça, tentando segurar a emoção, o choro.

MÃE
Acordei um dia desesperada, botei um casaco e saí correndo descalça pela rua, gritando e chorando igual uma doida, chamando por ele.

MARINA chora.

MÃE (CONT.)
Fui até um banco na beira da lagoa, onde ele brincava, aí eu fiquei pedindo, pedindo com toda força que ele fizesse uma mágica, só uma pra mim, que ele aparecesse pra mim, nem que fosse uma vez, nem era pra ficar, só aparecer mesmo. Quando eu já não tinha mais lágrima, eu encostei a cabeça no banco e dormi, assim, de repente, sabe. Aí eu acabei sonhando. No sonho, Deus apareceu pra mim. Eu sentia que ele pegava na minha mão com sua mão de luz, eu sentia. Depois eu vi o meu menino brincando com o Menino Jesus no jardim do paraíso. Assim que ele me viu, ele parou de

(MORE)

MÃE (CONT.) (cont'd)
brincar e correu pra mim, me abraçou e me beijou tanto, tanto... Era tanta alegria que eu acordei rindo, com o sol batendo no meu rosto.

MARINA está desconcertada sem saber o que fazer ou falar.

O barco apita.

MARINA tem o corpo para a frente, está um pouco resfolegante. Entre seus dedos estão o cigarro esmagado e o isqueiro.

MÃE (O.S.)
Estamos chegando.

O barco aos poucos atraca.
MARINA encosta-se e deixa suas mãos penderem ao largo do colete salva-vidas. Tem uma expressão a um tempo triste e atônita, parecendo ainda com a expressão de alguém que tenha desistido de algo.

A seu lado, a MÃE levanta-se.

MÃE
Chegamos.

MARINA respira fundo, esboça um sorriso e levanta-se.

A CONDUTORA sacode o BÊBADO, que ainda dorme.

CONDUTORA
Vai descer não?

O BÊBADO olha para a CONDUTORA e vira-se, voltando a dormir.

A CONDUTORA insiste.

CONDUTORA
Bora, rapaz. Hora de descer.

O BÊBADO volta a cabeça em sua direção, abre os olhos, mostrando que estava fingindo dormir, e começa a levantar-se, muito lentamente.

A MÃE, preocupada com o desembarque, prepara-se para levantar-se.

MÃE
Eu vou indo.

MARINA olha-a apreensiva, tentando esconder seu pânico. A MÃE levanta-se e faz um movimento como se fosse pegar a sacola. MARINA levanta-se e aproxima-se rápida para ajudá-la. Abaixa-se para pegar a sacola, entregando-lha.

A MÃE aceita pega a sacola. MARINA senta-se, apreensiva, e apoia os cotovelos nas pernas. Baixa a cabeça, apoiando-a nas mãos cruzadas.

CONDUTORA (O.S.)
Bora, rapaz, a gente não tem a noite toda.

BÊBADO (O.S.)
Eu vou.

MARINA, de soslaio, observa o BÊBADO levantar-se. Vê as pernas da MÃE começando a caminha no píer.

As pernas da MÃE param e voltam-se para a direção do barco. MARINA fica apreensiva e baixa a cabeça, respirando fundo, de boca aberta, fechando os olhos e cobrindo-os com as mãos.

MÃE (O.S.)
Acordou!

MARINA repentinamente levanta o rosto, entre alegre, assustada e incrédula.

MARINA
Acordou?

8. EXT. PÍER - NOITE

A MÃE levanta totalmente o pano que encobria o BEBÊ e mostra-o acordado e sorridente.

MÃE
Acordou, o dorminhoco... E parece que não tá mais com febre.

9. INT. BARCA - NOITE

MARINA levanta-se e encaminha-se até o outro lado do barco, para ficar mais próxima. O BÊBADO passa por ela e desce.

MARINA
(Sorrindo) Acordou?

A MÃE alisa o rosto do BEBÊ, sorridente e corado. Logo depois, coloca a sacola embaixo do braço.

O BÊBADO, caminhando trôpego, ultrapassa a MÃE.

MÃE
Feliz Natal, dona (com um sorriso).

MARINA observa a mulher a mulher andando com passos firmes.

CONDUTORA (O.S.)
Vamos?

MARINA olha para a CONDUTORA, faz um gesto afirmativo com a cabeça e encaminha-se para o banco.

Quando vai sentar-se, MARINA volta a olhar para o píer por onde saíram a MÃE e o BÊBADO, mas nele vê apenas o BÊBADO, andando trôpego.

MARINA enconsta-se, pensativa.

A embarcação começa a navegar.

MARINA senta-se exatamente onde estivera sentada a MÃE.

MARINA dá um sorriso e olha para o pisca-pisca a seu lado,vê uma luz esverdeada.

A luz esverdeada toca a face de MARINA.

MARINA olha para os pisca-piscas, que agora têm apenas luzes verdes, banhando todo o interior da barca com essa cor.

MARINA encosta o corpo e relaxa-o, olhando para o interior da barca. Olha para o rio à frente da proa, iluminado pela luz verde do farol da barca.

O barco volta a navegar, deixando no rio um sulco esverdeado por conta do reflexo da luz que a embarcação derrama.

FIM